



## AS FORÇAS DE TRABALHO E A PRODUTIVIDADE: UMA ANÁLISE DE MEMES QUE CONTRIBUÍRAM PARA O PROCESSO DE (RE)CONSTRUÇÃO DE PROFESSORES NA PANDEMIA<sup>1</sup>

Thatiana Muylaert<sup>2</sup>

### Resumo

A pandemia da Covid-19 trouxe um novo ensinar-pesquisar àqueles que estão em sala de aula. A saída do “habitat” natural, para os docentes, foi dolorosa e cruel, tendo em vista que precisaram desconstruir anos de docência num espaço curtíssimo de tempo. Desse modo, tomando como base os postulados de Deleuze e Guattari (1995), acerca da noção de cartografia, atrelada à importância do processo em qualquer setor da atividade humana, este ensaio pretende apresentar de que modo os hipergêneros (MAINGUENEAU, 2010) memes da internet contribuíram/contribuem para a construção dos estereótipos acerca dos professores, bem como para sua construção identitária no momento pandêmico.

**Palavras-chave:** Professores; processos; cartografia; memes.

### FUERZA DE TRABAJO Y PRODUCTIVIDAD: UN ANÁLISIS DE MEMES QUE CONTRIBUYERON AL PROCESO DE (RE)CONSTRUCCIÓN DE DOCENTES EN LA PANDEMIA

### Resumen

La pandemia de la Covid-19 trajo una nueva enseñanza-investigación a quienes están en el aula. Salir del “hábitat” natural para los profesores fue doloroso y cruel, considerando que debían deconstruir años de docencia en muy poco tiempo. Así, a partir de los postulados de Deleuze y Guattari (1995), sobre la noción de cartografía, ligada a la importancia del proceso en cualquier sector de la actividad humana, este ensayo pretende presentar cómo los hipergêneros (MAINGUENEAU, 2010) contribuyeron a los memes de internet. /Contribuir a la construcción de estereotipos sobre los docentes, así como a la construcción de su identidad en el momento de la pandemia.

**Palabras llave:** Docentes; Demanda judicial; cartografía; memes.

### WORKFORCES AND PRODUCTIVITY: AN ANALYSIS OF MEMES THAT CONTRIBUTED TO THE PROCESS OF (RE)CONSTRUCTION OF TEACHERS IN THE PANDEMIC

### Abstract

The Covid-19 pandemic brought a new teaching-research to those who are in the classroom. Leaving the natural “habitat” for the professors was painful and cruel, considering that they had to deconstruct years of teaching in a very short space of time. Thus, based on the postulates of Deleuze and Guattari (1995), about the notion of cartography, linked to the importance of the process in any sector of human activity, this essay intends to present how hypergenres (MAINGUENEAU, 2010) memes of internet contributed/contribute to the construction of stereotypes about teachers, as well as to their identity construction in the pandemic moment.

**Keywords:** Teachers; Law Suit; cartography; memes.

<sup>1</sup> Artigo recebido em 20/02/2023. Avaliação em 18/08/2023. Aprovado em 28/10/2023. Publicado em 03/11/2023.

<sup>2</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. E-mail: [muylaertthatiana@yahoo.com.br](mailto:muylaertthatiana@yahoo.com.br)

## Palavras iniciais

A pressão sofrida por professores-pesquisadores e discentes no ambiente acadêmico e escolar não é pandêmica, muito menos será pós-pandêmica, haja vista a toxidade que se pode encontrar não só nas salas de aula brasileiras, na relação professor-aluno, mas também, fora dela, na relação horizontal que se cria entre os pares professor-professor, aluno-aluno.

É verdade que fazer pesquisa e docência no Brasil é superar-suportar os desafios impostos pelas condições de trabalho e pelas forças governamentais que o gere. É ser capacidade, habilidade, transparência e, por que não, brilhantismo. Ou você supera suas limitações, ou não sairá da sua bolha desconhecida.

Tendo em vista isso, pode-se dizer que a pandemia, com início no Brasil em março de 2020, só reforçou tais situações, deixando mais claro que se adaptar às condições de produção de seu trabalho é substancial. Para quem é professor, despedir-se daquilo que conheceu por anos e aceitar o que, até então, parecia inaceitável foi o mais difícil, já que os cursos de licenciatura do país, em sua grande maioria, não visavam a um ensino que privilegiasse a distância física entre os indivíduos, mas, naquele momento, a educação a distância era a única saída, mesmo que fugisse aos padrões estabelecidos pelo que, de fato, seja uma educação EaD<sup>3</sup>. De lá para cá, tais profissionais se adaptaram a distintas esferas educacionais, o professor-pesquisador da educação básica, por exemplo, ora aprendia a ser aluno virtual, ora a ser professor, e ora a ser pesquisador, ao participar de congressos, de palestras e de simpósios com o auxílio das telas.

O que se viu, leu e ouviu através de dispositivos sobre a sobrecarga e a necessidade de ser produtivo, mesmo vivenciando um momento histórico, foi constante. Muitos colegas de profissão colocaram em suas páginas pessoais da internet, também em mensagens via *WhatsApp*, a frustração em precisar ser produtivo em um momento de tamanha tristeza. Acredita-se que não haja um professor, em meio ao caos pandêmico, que não tenha se questionado acerca de tanto trabalho, isso se não levarmos em conta que, em condições “normais”, o professor já é um profissional que acumula uma sobrecarga de trabalho enorme fora de seu ambiente de atuação.

Em contrapartida, todos sabiam que precisavam superar o momento vivido e, de certo modo, tentar “triunfar” em meio ao desconhecido. E foi isso que possibilitou o encontro de tantas vozes potentes, através das redes sociais, e o reencontro dos pares, por meio das aulas e

---

<sup>3</sup> Educação à distância

dos encontros on-line, das inúmeras palestras, dos cursos via *Youtube* e dos eventos planejados com a utilização de plataformas que promovessem tamanha interação.

É nesse ínterim de sensações que entra em cena a premissa de “priorizar o processo” apresentada por Deleuze e Guattari (1995), ao abordarem a noção de rizoma em sua coletânea *Mil Platôs*. Para esses autores e outros pesquisadores da teoria, é no processo de qualquer manifestação desafiadora que o indivíduo cresce e evolui, pois o que mais importa não é de onde se sai nem aonde se chegará, mas sim os caminhos percorridos que fizeram com que estivesse, neste momento, por exemplo, escrevendo este ensaio.

Uma produção de subjetividade que colaborou ativamente no processo de crescimento e aprendizagem em meio à pandemia foram os memes, hipergêneros (MAINGUENEAU, 2013) capazes de fazer rir, refletir, devanear e criticar na mesma intensidade. Desse modo, pretendemos, neste texto, apresentar de que modo a perspectiva cartográfica e os memes da internet contribuíram para que continuássemos a produzir e a ensinar num momento em que parecia ser impossível a produção acadêmica e o ensino.

### **Cartografia: ênfase no processo**

Na coletânea intitulada *Mil Platôs*, no Platô 1, Deleuze e Guattari (1995) apresentam um elemento capaz de nortear, de modo diferenciado, as relações interativas entre os indivíduos. Partindo do empréstimo do termo rizoma, muito conhecido na Biologia, os autores apostam na ideia de que as relações dialógicas ocorrem por meio do rizoma, tais quais as raízes desse tipo. Isto é, assim como as raízes do tipo rizoma, que se alastram e se conectam a outras sem, necessariamente, seguir uma linearidade, ocorre com as interações humanas, pois podemos nos conectar com situações a depender da “raiz” que nos implique. Ou seja, diferente das interações hierárquicas propostas pelas instituições mais antigas, que privilegiavam as relações de modo vertical, o rizoma aposta na horizontalidade das relações e na capacidade interventiva dos agentes interativos, sem que, necessariamente, haja um agente superior ou inferior.

Atrelado a tal conceito, os autores propõem que o rizoma se sustenta sob alguns princípios. Entre eles, encontra-se o princípio da cartografia – o reconhecimento do território a partir do significado-base que tal lexema (cartografia) carrega. Ou seja, para mapear um território é necessário que se eleja um início, entretanto, esse início não é fixo, pois pode se modificar a depender de quem o cartografa. Assim como postulou Saussure a estudar os signos linguísticos, não é o objeto que faz o ponto de vista, mas o ponto de vista que faz o objeto. Tal premissa pode, facilmente, ser associada ao que Deleuze e Guattari (1995) pretendiam ao

apresentar o princípio da cartografia para o rizoma, no entanto, precisavam que essa premissa se desvinculasse da linguística, já que as relações sociais, independente das escolhas linguísticas, se darão a depender do ponto de vista, mesmo que a linguagem possibilite a materialização das relações sociais.

Também com base nesse estudo, alguns pesquisadores, da Universidade Federal Fluminense, apostaram na ideia de que fazer rizoma e, consecutivamente, cartografia estavam atrelados ao percurso do pesquisador e não necessariamente às suas (in)conclusões. Disso nasceu o livro *Pistas do Método da Cartografia* que propõe um novo olhar para o pesquisar, focado no *processo* e no que se pode implicar nele.

Tendo em vista esses postulados, acreditamos que não só para as pesquisas científicas faz-se necessário a ênfase no processo, senão em todos os âmbitos de nossa vida. Com isso, pode-se perceber que, após a adaptação ao momento vivido, o aprendizado acerca da tecnologia foi-se consolidando, e o processo pessoal, no momento pandêmico, sendo valorizado. Assim como os pesquisadores, os profissionais da educação passaram a observar as situações vivenciadas como um processo necessário ao seu crescimento, seja no âmbito profissional, seja no âmbito pessoal.

Esse amadurecimento e aproveitamento processual pode ser visto nos hipergêneros memes da internet, já que, atualmente, são um grande aliado da população brasileira no que tange à ironia contra situações em que estão em desacordo, bem como reclamação e motivação da própria vivência. Ou seja, os memes da internet foram gatilho para interrelações e construção coletiva de conhecimento e adaptação, pois, ao publicar na internet angústias, questionamentos e desesperança, por meio dos memes, em relação ao novo modelo de educação que se instaurava, muitos profissionais puderam (re)conhecer seus pares e interagir com o desconhecido, que também crescia forçadamente. A seguir, veremos o que Maingueneau (2013) afirma acerca dos hipergêneros.

### **Por que hipergêneros e não gêneros? Os memes da internet**

Para o que se propõem os estudos em Análise do Discurso, a prática discursiva só ocorre devida à sua capacidade de se materializar por meio da linguagem. Todavia, essa materialização ocorre pelo que conhecemos como gêneros discursivos. Levando em conta a noção de gênero postulada por Bakhtin (2011), sabe-se que há restrição de estilo, conteúdo composicional e temática para que se possa dizer, por exemplo, que uma receita de bolo é o gênero discursivo

receita de bolo, tendo em vistas suas características “estanques” e reconhecíveis por grande parte da população brasileira.

Entretanto, com o advento da internet, os gêneros discursivos passaram a assumir outras características e, até mesmo, uma espécie de evolução cultural. Isso se pudermos afirmar que a carta, por exemplo, é um gênero que se atualizou para e-mail com a disponibilidade da internet nos dias de hoje. Desse modo, algumas práticas discursivas como *blogs*, sites e memes passaram a assumir faces que fogem às rotulações prévias postulada por Bakhtin (2011).

Isto é, os memes da internet não se constituem -todos- por sua forma composicional, conteúdo e temática, haja vista a produção de memes que se configurem por meio de vídeos, pela linguagem verbal, pela linguagem verbo-visual, pela linguagem visual, através de sua formação numa espécie de quadrado. Também se pode chamar de memes as figurinhas do *WhatsApp*, já que a característica principal dessa prática é a imitação de algo, de acordo com as postulações de Dawkins (1979), Shifman (2013) e Porto (2018).

Ainda, tendo em vista a maleabilidade dessa prática discursiva, entra em cena a noção de hipergênero postulada por Maingueneau (2010). Para o autor, a noção de hipergênero, para as práticas que circulam na internet, seria a mais apropriada, pois suas propriedades comunicativas são mínimas e atravessam categorias temáticas distintas. Ou seja, tanto um vídeo quanto um mosaico verbo-visual, por exemplo, podem ser chamados de memes da internet se sua intenção é imitar algo ou alguém, de modo irônico, com o intuito de produzir humor (POSSENTI, 2018) e reflexão acerca de determinada pessoa/situação. “Os hipergêneros não sofrem restrições sócio-históricas: eles apenas “enquadram” uma larga faixa de textos e podem ser usados durante longos períodos e em muitos países” (MAINGUENEAU, 2010, p. 131).

Compensatoriamente, não significa dizer que todos os memes da internet não possam ser chamados de gêneros discursivos, porque, a depender do recorte que se faça em relação ao tipo de discurso, a temática e a sua composição, por exemplo, teremos um gênero discursivo. Nessa perspectiva, podemos afirmar que memes que se restringem à temática sobre política, que se configurem de modo verbo-visual, e que sejam produzidos em forma de quadros são gêneros discursivos, haja vista as características “estanques” deles, mas, ao falarmos de todos os tipos de memes que existem na internet, acredita-se que a nomenclatura mais adequada seja a de hipergênero, principalmente, se não houver uma restrição de tais características.

Tendo em vista o exposto acima, preferimos, para este estudo, chamar os memes de hipergêneros e não de gêneros discursivos, já que não estamos restringindo os memes, nem elencando características “estanques” a eles, nosso intuito é mostrar como tais práticas trouxeram reflexão, crítica e humor acerca dessa classe trabalhadora. A seguir, apresentaremos

os hipergêneros memes da internet que circularam no *Facebook* e em outras redes sociais, no ano de 2020, acerca da produtividade dos profissionais da educação, no que tange à prática em sala de aula. Tais enunciados possibilitaram distintas reflexões acerca da situação atual da educação do país.

### **O processo é fundamental: a vivência dos profissionais da educação, em meio à pandemia, através de memes da internet**

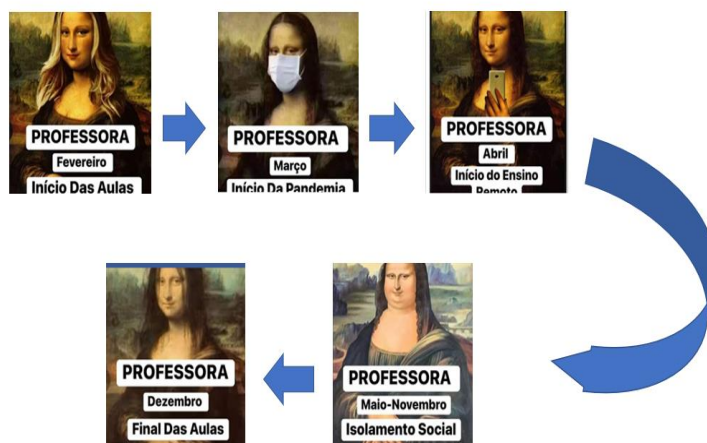
Defendemos, que a perspectiva cartográfica é uma grande aliada dos pesquisadores e dos professores, tendo em vista que uma de suas premissas é mostrar de que modo o processo das situações interacionais é primordial para a evolução em qualquer setor da atividade humana, justamente porque entender que o caminho possibilita o encontro com outras raízes e permite ao indivíduo um crescimento pessoal-profissional. Se não é para valorizar isso, não há motivo para as atividades acadêmicas e docentes, pois, além de reflexões e descobertas trazidas por esses profissionais, mostrar à sociedade a relevância de tais aspectos para seu crescimento pessoal-profissional é o mais relevante.

Durante a pandemia da COVID-19, que se perpetua até o momento desta escrita, pudemos observar, nas redes sociais, uma espécie de ativismo cibernético (RESENDE; FREITAS; OLIVEIRA, 2015) através dos memes. Ou seja, com o isolamento social e a necessidade da continuidade do ano letivo e das atividades acadêmicas e escolares, os professores-pesquisadores agregaram ainda mais trabalho, pois, além de fazerem o que já faziam, precisaram virar *youtubers*, conferencistas on-line, técnicos de aparelhos eletrônicos, além de muito compreensivos com aqueles que estavam do outro lado da tela – pode-se dizer que, nesses momentos, o professor precisou apagar suas próprias dores e angústias para, além de ouvir as tristezas dos discentes, encorajá-los acerca do fim de tudo isso, mesmo sem saber se haveria.

O professor, antes de tudo, é amigo, psicólogo, conselheiro, muitas vezes, mãe e pai, é aquele que norteia o caminho de seus alunos, mostrando que a educação é a esperança para uma vida melhor e, na pandemia, não foi diferente. Dada a gravidade da situação, além da preocupação com a saúde física e mental de seus alunos e familiares, os professores precisaram ser resistência, em relação a um retorno presencial precipitado, mas também produtividade, para que toda a sociedade pudesse perceber que a aula presencial ainda não era a melhor escolha, mas era possível outro tipo de aprendizado. É nessa situação de força e de determinação que os

memes da internet surgem para essa população como aliados, pois trouxeram reflexões “mascaradas” e humor num momento tão delicado.

Figura 1 – Mosaico memes Monalisa<sup>4</sup>



Fonte: <https://m.facebook.com/photo.php?fbid=2872932806320396&id=1624900181123671&set=pcb.2872932919653718&source=48>. Acesso em: 28 ago. 2021.

O mosaico de memes presente na figura 1 mostra de que modo os professores puderam ser vistos de fevereiro a dezembro de 2020. Com uma paródia acerca do quadro Mona Lisa de Da Vinci, a prática discursiva traz reflexões sobre os profissionais da educação e sua relação com o cotidiano desde antes da pandemia até dezembro de 2020. Importante frisar que, assim como a Mona Lisa, a grande maioria dos profissionais da educação é constituído por mulheres, por isso, acredita-se que a imitação e comparação tenha sido feita a partir da figura feminina, mas isso não excluí os professores.

O primeiro meme, presente no mosaico, mostra a figura da Mona Lisa-professora em fevereiro, após as férias, no início do ano letivo. Com um ar descansado e pleno, tal personalidade, representativa da classe docente no enunciado, rememora o fato de os professores, no geral, não fazerem ideia do que estava por vir. O cabelo arrumado, o rosto maquiado e o semblante descansado podem suscitar tais subjetividades.

O meme que representa março já apresenta a Mona Lisa-professora utilizando uma máscara, elemento indispensável no momento pandêmico. Com um olhar mais confuso e um fundo menos vivo, tal meme reforça a intensidade do início da pandemia e mostra a mudança, por meio de novas vestimentas. O meme de abril já explicita a necessidade da utilização dos aparelhos eletrônicos na atividade docente naquele momento, haja vista a impossibilidade de sair de casa, devido às incertezas proporcionada pelo vírus. Entretanto, podemos desvelar um ar ainda tímido de plenitude da professora, pois estava tentando se adequar às ferramentas que

<sup>4</sup> Memes publicados no Facebook em 31 de outubro de 2020.

tinha no momento para trabalhar. Pode-se dizer que abril de 2020 foi um divisor de águas para esses profissionais, pois, ou eles aprendiam a usar a tecnologia em prol da educação ou “aprendiam a usar a tecnologia em prol da educação”.

Importante pontuar, através da análise e da reflexão que sucede desse mosaico de memes e de tantos outros que se viu nas redes sociais, que o professor, principal profissional na educação, apenas parece “receber ordens” não só dos governantes e dos donos de instituições privadas, mas também da sociedade no geral. Uma das explanações mais marcantes, tanto no on-line quanto no off-line, foi a capacidade que todos, no geral, tiveram de definir e “ensinar” aos professores o que deveriam fazer, mesmo sem nunca terem pisado numa sala de aula, seja de nível básico, seja de nível superior.

O meme que representa os meses de maio até novembro põem em foco uma situação que assolou quase todos os brasileiros: o ganho de peso. Com o trabalho de modo remoto e o tempo maior em frente às telas, o único órgão aparente que não parou de trabalhar foi a boca, logo, grande parte da população ganhou muito peso, não só pela comilança, mas também pelas questões psicológicas, pois, o medo e a incerteza causaram muito estresse à população global, desregulando diversas atividades metabólicas.

O meme que representa o final do ano letivo mostra a professora sem rumo, descabelada e com feição preocupada, representa o modo como os docentes do país findaram o ano letivo de 2020. Isto é, “aos trancos e barrancos”, os professores conseguiram, na medida do possível, manter contato e enviar atividades aos alunos, mas as incertezas acerca do que a pandemia poderia gerar à educação no longo prazo fez com que a população docente do país, embora no final do ano, não conseguisse aproveitar o descanso, já que o desconhecido, no que tange à educação, os assolava diariamente.

A figura 1 representa bem o processo de construção do professor na pandemia, pois, ao cartografar o território desconhecido do ano de 2020, muitas foram as faces de tais profissionais, haja vista a demanda de trabalho e a necessidade de aprendizado acerca de tantas tecnologias. Para além disso, o humor (POSSENTI, 2018) traz à cena virtual de que modo os professores viveram aquele momento. Por detrás da graça, há subjetividades que resgatam o cansaço, o desespero, o despreparo, a insegurança, as disfunções metabólicas e a falta de reconhecimento da própria sociedade com um profissional que não parou de trabalhar um minuto, mesmo sem sair de sua casa.

Além dos memes acerca de como estava a figura física do professor, circularam nas redes sociais memes que representavam bem o emocional desses profissionais, como o presente a seguir.



Figura 2 – Meme silêncio *versus* fala



Fonte: <https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/formacao-docente-pandemia/>. Acesso em: 28 ago. 2021.

O meme presente na figura 2 representa outro processo de crescimento pessoal e profissional dos professores, pois mostra como foi difícil a interação com os alunos de modo on-line, isso se levamos em conta as instituições privadas, pois, no Brasil, grande parte dos alunos de escolas públicas não têm acesso à internet, logo, não tiveram esse tipo de interação com o docente.

A graça da prática discursiva se dá pelo tamanho dos cachorros que representam os professores no meme, juntamente com o verbal que os acompanham. Do lado esquerdo, tem-se a representação de um professor em sala de aula, mostrando um profissional confiante em seu trabalho e suas habilidades que, ao chegar em sala e encontrar a turma conversando, solicita silêncio aos alunos. Já a representação do lado direito mostra um cachorro mais frágil, sem confiança e também sem saber direito o que fazer, chorando e pedindo aos alunos que falassem alguma coisa.

Para quem não vive a sala de aula, essa prática discursiva não produzirá sentido, mas, para alunos e professores que viveram a pandemia sim, pois os alunos, muitas vezes, não ligam o microfone e não respondem no chat, isto é, não interagem nem com os colegas nem com os professores durante as aulas on-line. Situação que não acontecia nas aulas presenciais, em que os alunos não paravam de falar um minuto. Desse modo, tal prática discursiva traz subjetividades acerca de quem ensina e de quem aprende, pois, ensinar e aprender na frente das telas requer disciplina e comprometimento, habilidades que a maior parte de crianças e adultos não têm.

Assim, pode-se perceber que os memes da internet mostram um dos processos importantes vivenciado por grande parte dos docentes na pandemia, reinventar-se para ter atenção e participação dos alunos no virtual, mostrando à sociedade que, mesmo na dificuldade

e no desânimo do aluno, os professores estavam lá, tentando levar conhecimento e, de certo modo, distração num momento tão caótico para todos. Para além da distração e do lazer proporcionados por esses hipergêneros, nota-se que são enunciados que possibilitam um “leque” de estudos, já que apresentam a todos cenas do off-line, mostrando a realidade não só dos profissionais da educação, mas de tantos outros e de grandes problemas sociais.

### **Algumas considerações**

Os memes da internet são hipergêneros que já rechearam a vida dos brasileiros, seja pelo *Facebook*, seja pelo *Instagram*, seja pelo *WhatsApp*. É muito difícil encontrar, nos dias de hoje, alguém que não reconheça tal prática discursiva, desse modo, tentar compreender de que modo elas contribuem na construção de estereótipos engendrados na sociedade é primordial. Ou seja, os memes apresentados neste ensaio, por exemplo, ajudaram a mostrar à sociedade, que está fora da sala de aula, como a vida do professor na pandemia foi caótica, cansativa e adaptativa. Assim como mostra a evolução de Darwin, se não nos adaptarmos, viramos antepassados.

Para além disso, os memes têm se mostrados práticas discursivas capazes de levar situações do dia a dia off-line para o dia a dia on-line, já que trazem imitações, ironia, deboche e humor do cotidiano “velado” de muitas personalidades. Parece que hoje se não estiver nas redes não aconteceu, por isso se faz tão necessário o estudo de práticas discursivas que circulem nela, já que é o principal canal de comunicação da contemporaneidade. Além do mais, entender de que modo a sociedade vem evoluindo através dessas forças institucionalizadas que se materializam através dos hipergêneros se faz primordial.

Desse modo, levar em conta o processo de aprendizagem e de construção de conhecimento do próprio professor é compreender que, assim como todos os outros profissionais, ele também precisa do seu próprio processo construtivo, e, na pandemia, não foi diferente. Esperamos que este ensaio possa acalantar o coração daqueles que estão em sala de aula e de enfatizar aos que não estão que, assim como as borboletas não podem ser arrancadas do casulo de uma hora para outro, os professores precisaram/precisam/precisarão de tempo para se adaptarem à nova realidade imposta pelo vírus.

### **Referências**

BAKHTIN, Mikhail. Gêneros do Discurso: *Estética da Criação Verbal*. Tradução: Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. 448 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, 94 p.

DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. Tradução: Geraldo H. M. Florsheim. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979, 230 p.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução: Maria Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 6ª ed. – São Paulo: Cortez, 2013, 304 p.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PORTO, Lilian Mara Dal Cin. O processo de construção de sentidos dos memes. In.: CARMELINO, Ana Cristina; RAMOS, Paulo. (orgs.). *Gêneros humorísticos em análise*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2018.

POSSENTI, Sérgio. *Cinco ensaios sobre humor e análise do discurso*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018, 174 p.

RESENDE, T.; FREITAS, Y., OLIVEIRA, P. Ciberativismo nas redes sociais: compartilhando mudanças. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 8., 2015, Campo Grande – MS. **Anais** [...] XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste – Campo Grande – MS – 4 a 6/6/2015. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/>. Acesso em: 30 nov. 2020.

SHIFMAN, Limor. Memes in a digital world: reconciling with a conceptual troublemaker. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 18, nº. 3, p. 362-377, 2013. Disponível em: doi:10.1111/jcc4.12013. Acesso em: 04 jan. 2021.